

Selado com juramento

A natureza e a relação entre as diversas alianças
divino-humanas reveladas nas Escrituras

SELADO COM JURAMENTO

O COMPROMISSO PACTUAL
NO DESENROLAR
DO PROPÓSITO DIVINO



PAUL R.
WILLIAMSON

Selado com juramento © 2018 Editora Cultura Cristã. Publicado em 2007 em inglês com o título *Sealed With An Oath* © Paul R. Williamson Todos os direitos são reservados. Tradução publicada com permissão da Inter-Varsity Press, Nottingham, Reino Unido.

1ª edição 2018 – 3.000 exemplares

Conselho Editorial

Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial

Tradução
Giuliana Niedhardt Santos
Revisão
Vagner Barbosa
Filipe Delage
Mariana Ferreira de Toledo
Editoração e Capa
Ideia Dois

W732s Williamson, Paul R.

Selado com juramento / Paul R. Williamson; tradução
Giuliana Niedhardt – São Paulo : Cultura Cristã, 2018.

240 p.

Título original: Sealed with an oath
ISBN 978-85-7622-763-2

1. Teologia bíblica 2. Pacto I. Niedhardt, Giuliana II. Título

CDU-231

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099 – Fax (11) 3209-1255
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

À minha mãe, com amor e gratidão.

SUMÁRIO



PREFÁCIO DO AUTOR	09
ABREVIACÕES	13
1. TEOLOGIA BÍBLICA E O CONCEITO DE ALIANÇA	17
Teologia bíblica, aliança e unidade da Escritura	17
Lugar da aliança na erudição bíblica	19
Papel do conceito de aliança na Escritura	30
Significado da terminologia de aliança utilizada na Escritura	34
2. ALIANÇA E O PROPÓSITO UNIVERSAL DE DEUS	45
Aliança em seu contexto bíblico-teológico	45
Criação e o propósito divino	46
A questão de uma aliança com Adão	53
3. ALIANÇA UNIVERSAL DE DEUS COM NOÉ	61
Introdução do conceito de aliança	61
Aliança e (re)criação	62
Ratificação da aliança universal	64
Obrigações humanas na aliança universal	65
Obrigações e sinal divino da aliança universal	66
Aliança universal de Deus em outros lugares do Antigo Testamento	67
Significado teológico da aliança universal	70
Aliança de criação?	71
4. ALIANÇAS PROGRAMÁTICAS DE DEUS COM OS PATRIARCAS	79
Alianças patriarcais em seu contexto bíblico-teológico	79
Agenda programática	79
Alianças patriarcais	87
Herdeiros da aliança	93

5. ALIANÇA NACIONAL DE DEUS COM ISRAEL	97
Aliança nacional no contexto bíblico-teológico	97
Propósito revelador da aliança nacional	99
Ratificação da aliança no Sinai	102
Sinal da aliança mosaica: sábado	104
Significado pactual do tabernáculo	106
Posição pactual do sacerdócio levítico	108
Quebra e restabelecimento da aliança	109
Aliança e o culto de Israel	112
Renovação da aliança em Moabe	114
Renovações subsequentes da aliança nacional	118
6. ALIANÇA REAL DE DEUS COM DAVI	123
Contexto literário e histórico do oráculo dinástico	125
Foco promissório do oráculo dinástico	128
Resposta de Davi ao oráculo dinástico	131
Reflexão subsequente sobre a aliança real	134
Aliança real nos profetas posteriores	145
Aliança real no propósito de Deus	147
7. NOVA ALIANÇA DE DEUS PREVISTA PELOS PROFETAS	151
Introdução	151
Texto de Jeremias sobre a “nova aliança”	151
Outras previsões de uma aliança futura	163
Outras possíveis alusões à “nova aliança” prenunciada	180
União das diversas vertentes	185
8. NOVA ALIANÇA DE DEUS INAUGURADA POR JESUS	189
Introdução	189
Nova aliança nos Evangelhos	190
Nova aliança em Atos	192
Nova aliança em Paulo	193
Nova aliança em Hebreus	208
9. NOVA ALIANÇA DE DEUS CONSUMADA NO REINO ESCATOLÓGICO	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	221
ÍNDICE DE AUTORES MODERNOS	235

PREFÁCIO DO AUTOR



O PRESENTE ESTUDO FOI CONCEBIDO como um artigo de dicionário para o *New Dictionary of Biblical Theology*, da IVP. Parte do artigo original foi posteriormente expandido de modo a servir como uma contribuição mais específica ao *Dictionary of the Old Testament: Pentateuch*, da IVP. Ao longo de um período de gestação mais longo do que o previsto, o material continuou crescendo e desenvolvendo-se até atingir sua forma atual. Em muitos aspectos, porém, ele continua a ser uma obra em progresso e certamente não é apresentado como uma análise exaustiva do tema. Para isso, um volume muito maior e (para este autor, pelo menos) um tempo muito mais longo seriam necessários. Espera-se, entretanto, que este estudo ofereça um panorama instigante das diversas alianças divino-humanas na Escritura e alguns esclarecimentos sobre o papel da aliança na teologia bíblica. O afastamento mais radical do esquema tradicional de aliança é minha abordagem dupla às tratativas de Deus com Abraão. Essa abordagem baseia-se nas ideias de meu orientador do doutorado, Dr. T. D. Alexander, e é defendida em muito mais detalhes em minha monografia anterior, *Abraham, Israel and the Nations*. Ali, os leitores interessados encontrarão o argumento detalhado que o presente volume precisará, muitas vezes, tomar como pressuposto.

O objetivo do presente estudo é destacar a importância da aliança para a teologia bíblica e explorar o papel deste conceito no desdobramento do propósito divino. O primeiro capítulo analisa algumas questões importantes que devem ser abordadas em qualquer investigação bíblico-teológica da aliança, especialmente o significado dessa ideia bíblica. A conclusão é que a aliança

é essencialmente “um compromisso solene selado com um juramento que garante o cumprimento de promessas ou obrigações assumidas por uma ou ambas as partes”. A principal função desse antigo tema teológico, introduzido pela primeira vez no contexto do dilúvio, é entendida do seguinte modo: promover o propósito divino criativo de bênção universal.

O segundo capítulo, por conseguinte, situa a ideia de aliança no contexto bíblico-teológico, a saber, o propósito de Deus em estender seu governo e bênção a todo o mundo – um plano divino posto em risco, porém não erradicado, pela rebelião humana. A sugestão de que o relacionamento prelapsariano da humanidade com Deus também deveria ser descrito como uma forma de aliança é explorada, mas rejeitada.

Os cinco capítulos seguintes examinam cada uma das principais alianças divino-humanas declaradas no Antigo Testamento. A aliança universal com Noé é globalizante, servindo principalmente para garantir a sobrevivência futura da criação divina, a despeito da rebelião humana. Em vez de ser compreendida como a renovação de uma aliança anterior estabelecida na criação, essa aliança noética é considerada a aliança com a criação aludida em outros textos do AT (Jr 33.19-26), a qual garante o cumprimento final do propósito criador de Deus.

Esse propósito é esclarecido ainda mais por outro grande avanço na história do conceito de aliança: as promessas de Deus a Abraão. Dois aspectos distintos, porém relacionados, da agenda programática de Deus – a saber, nacionalidade e a bênção internacional (Gn 12.1-3) – são solenemente confirmados por duas alianças estabelecidas entre Deus e Abraão. O aspecto nacional das promessas de Deus é o principal foco no restante das narrativas patriarcais, e começamos a ver seu cumprimento na multiplicação dos israelitas no Egito, no êxodo e na conquista.

A grande aliança seguinte, estabelecida com a nação de Israel no Sinai, define as obrigações pactuais daqueles em quem a promessa nacional de Deus a Abraão é realizada. A fim de mediar bênçãos aos outros, Israel deve ser um exemplo do reino de Deus na terra vivendo segundo a lei mosaica. Apesar de muitas renovações, esta foi uma aliança que, no fim, pareceu ter fracassado. Israel não cumpriu suas obrigações, comprometendo, assim, a agenda internacional de Deus.

Enquanto a dimensão nacional da promessa atingiu seu cumprimento na época de Davi (2Sm 7.1), o avanço pactual seguinte concentra-se especificamente na descendência real prometida a Abraão (Gn 17.6,16). Como sugerido na própria narrativa de Abraão, essa descendência real serviria como

ponte entre os aspectos nacional e internacional das promessas ancestrais de Deus: dessa forma, a aliança real estabelecida com Davi e sua dinastia retoma as trajetórias reais e internacionais da narrativa de Abraão e identifica, de forma mais explícita, a semente conquistadora por meio da qual a bênção internacional viria.

O fracasso e a incapacidade inerente de Israel de mediar bênçãos às nações são tratados diretamente pelo principal fenômeno pactual: uma nova aliança, por meio da qual todas as outras encontrariam cumprimento definitivo. O capítulo 7 mostra como esta nova aliança é prevista na literatura profética do Antigo Testamento, e o capítulo 8 examina como o Novo Testamento retrata seu cumprimento – juntamente com todas as alianças divino-humanas anteriores – na pessoa de Jesus Cristo e no reino por ele inaugurado.

Assim, ao traçar a trajetória da aliança desde sua concepção, no período primitivo até sua consumação nos novos céus e na nova terra, este estudo destaca que a aliança é não apenas um dos temas teológicos mais significativos da Escritura, como também um agente de extrema importância na união da Escritura como um todo.

Como todos os projetos de mesma natureza, esta obra não poderia ter sido concluída sem a ajuda e assistência de outros. Gostaria de aproveitar esta oportunidade, portanto, para exprimir minha sincera gratidão àqueles cujas orações têm sido uma tremenda fonte de encorajamento. Os alunos da graduação e pós-graduação aos quais tive o privilégio de lecionar na *Moore College*, bem como algumas pessoas da igreja *St. Helen's*, em Bishopsgate, foram ouvintes de muitas ideias contidas no presente volume. O reitor e o conselho da *Moore College* ofereceram-me generosamente uma licença, possibilitando um período de escrita sem a interrupção de responsabilidades docentes ou administrativas. O apoio de meus colegas na *Moore College* foi de grande ajuda. Em particular, Philip Kern e Peter O'Brien conseguiram tempo em meio a uma agenda ocupada para ler e comentar os primeiros rascunhos deste estudo. Sou também muito grato ao professor D. A. Carson, Philip Duce e a equipe editorial da IVP, cujas ideias e observações ajudaram a aguçar meu próprio raciocínio e a aumentar a clareza de expressão em vários pontos. Embora todas estas contribuições tenham, sem dúvida, aprimorado o produto final, somente eu sou o responsável por quaisquer deficiências que porventura tenham subsistido.

Por último, mas não menos importante, quero expressar agradecimento à minha família – Karen, Matthew e Andrew – cujo amor e apoio são um de-

leite constante e cujos interesses diversos fornecem um equilíbrio saudável às minhas produções teológicas. Agradeço também à minha mãe, cuja fé cristã e perseverança foram instrumentais em minha própria salvação e cuja bondade, generosidade e amor permaneceram, apesar de numerosas provações. Dedico este livro a ela, com amor e gratidão.

PAUL R. WILLIAMSON

TEOLOGIA BÍBLICA E O CONCEITO DE ALIANÇA



Teologia bíblica, aliança e unidade da Escritura

Em termos de linguagem teológica, “teologia bíblica” é possivelmente um dos conceitos mais difíceis de se definir. Embora estudiosos de todas as opiniões usem alegremente a terminologia, eles não necessariamente têm a mesma coisa em mente.¹ Para alguns, ela simplesmente se refere a ideias teológicas expressas na Bíblia, quer em parte, quer no todo. Assim, pode descrever a teologia de determinado livro ou *corpus* (por exemplo, a teologia de Isaías ou a teologia do Pentateuco),² a teologia de uma das partes do cânone cristão (isto é, a teologia do Antigo Testamento ou a teologia do Novo Testamento) ou até mesmo uma síntese da doutrina bíblica.³ Apesar de todas essas reflexões teológicas certamente pertencerem a um domínio mais amplo, como disciplina teológica distinta, a teologia bíblica é possivelmente mais bem considerada como uma iniciativa holística, traçando trajetórias teológicas ao longo da Escritura sem explorar conceito, tema ou livro bíblico fora do todo em que estão inseridos. Cada conceito, tema ou livro é considerado, em última instância, em termos de sua contribuição à metanarrativa da Bíblia, normalmente considerada como uma história de salvação que progride rumo a Jesus Cristo e nele culmina. Como Rosner (2000, p. 3) definiu recentemente, “a teologia bíblica preocupa-se especial-

¹ Veja, por exemplo: Barr, 1999, p. 1-17.

² Por vezes, ela é empregada até mesmo com respeito a supostas fontes subjacentes, por exemplo, a “teologia do Javista”, entre outros.

³ Neste último caso, ela pode diferir pouco, caso difira, da teologia dogmática ou sistemática.

mente com a mensagem teológica global da Bíblia. Ela busca compreender as partes em relação ao todo e, para tal, deve trabalhar com a interação mútua das dimensões literária, histórica e teológica dos diversos *corpora* e com as inter-relações destas dentro de todo o cânone das Escrituras”. É dentro dos parâmetros de tal estrutura bíblico-teológica (que alguns batizaram de “teologia pan-bíblica”) que o presente estudo analisará a natureza e a relação entre as diversas alianças divino-humanas reveladas nas Escrituras.

A validade da iniciativa, entretanto, não está isenta de desafios.⁴ Talvez o mais grave deles, tanto na construção de tal teologia bíblica de modo geral quanto na “aliança” de modo específico, diga respeito às implicações da diversidade teológica na “unidade universal da Escritura”. De fato, dada a presença de tamanha diversidade teológica, é impossível, para muitos estudiosos, falar sobre a “unidade” de qualquer parte do cânone. Assim, a maioria das principais escolas rejeita qualquer ideia de uma teologia unificada do Antigo Testamento, preferindo pensar em termos de *teologias* do Antigo Testamento.⁵ De uma ótica semelhante, a maior parte dos estudiosos contemporâneos do Novo Testamento rejeita a possibilidade de se construir uma única teologia do Novo Testamento, embora nem todos assumam a posição radical defendida por Räisänen. Este, seguindo a liderança de Baur, identifica uma disparidade teológica entre autores do Novo Testamento tão grande que a tarefa de se construir uma teologia única do Novo Testamento é completamente minada.⁶

Diante de uma premissa tão negativa sobre a extensão da diversidade teológica dentro do cânone das Escrituras, é, sem dúvida, difícil ver como a teologia bíblica (conforme definida acima) pode ser aceita como um objeto acadêmico legítimo: “A teologia bíblica não pode ser sustentada se não houver unidade (ao menos subjacente) na teologia da Bíblia”.⁷ Sem essa unidade fundamental, é inconcebível a construção de qualquer teologia bíblica coerente de um conceito geral como a aliança. Embora não se possa negar que a Escritura tem, de fato, vozes multifacetadas, por vezes em relação dialética,⁸

⁴ Veja Balla, 2000, p. 20-27.

⁵ Esta postura é, por vezes, mascarada por livros cujo título implica uma teologia unificada do AT. Compare, porém, o título da obra recentemente publicada de Gerstenberger (2002): *Theologies of the Old Testament*.

⁶ Veja Marshall (2004, p. 17-47) para uma discussão e uma resposta concisas. Para uma crítica mais abrangente, consulte Balla, 1997.

⁷ Balla, 2000, p. 24.

⁸ “Dialética” é a interação entre ideias antagônicas ou paradoxais, tais como “juízo e salvação” (isto é, opostas em tensão).

a questão central não é se ela fala com uma só voz ou muitas, mas se essas muitas vozes – independentemente de suas ênfases distintas – estão seguindo a partitura do mesmo hino teológico. Os estudiosos evangélicos alegam tradicionalmente que este é o caso e que a chave para desbloquear essa sinfonia teológica é a metanarrativa da Bíblia, descrita acima. Assim, embora uma investigação sobre a unidade da Escritura fuja claramente ao escopo da presente pesquisa, espera-se que ela demonstre como a trajetória bíblico-teológica da aliança ilustra, ao menos, uma maneira pela qual as numerosas e diversas vozes da Escritura unem-se em perfeita harmonia.

Lugar da aliança na erudição bíblica

É evidente que, desde a fase inicial da era cristã, o valor do conceito de aliança na teologia bíblica era reconhecido. Isso é notavelmente refletido na nomenclatura canônica aplicada à Escritura cristã: Antigo e Novo *Testamentos*.⁹ Ao que tudo indica, entretanto, foi só a partir da época da Reforma que uma teologia bíblica foi construída em torno deste conceito específico. Isto foi feito por Johannes Cocceius (1603-1669), cuja tentativa de interpretar a Bíblia holisticamente dando lugar central a “aliança” não só lançou as bases para a teologia federal ou pactual (por exemplo, como apresentada no *magnum opus* de H. Witsius em 1677), como também prenunciou ênfases mais recentes ao identificar a aliança como a principal trajetória bíblico-teológica que pode ser traçada ao longo da história da salvação.

Embora a centralidade do conceito de aliança tenha sido pressuposta pela teologia reformada nos anos que se seguiram, certa divergência eclodiu quanto à natureza exata e o número das alianças existentes (por exemplo, na famosa Controvérsia *Marrow* [1718-1723] da Igreja da Escócia o debate girou em torno da “aliança da graça” e sua relação com a “aliança da redenção”).¹⁰ Com o advento da modernidade, entretanto, novas questões começaram a surgir no que diz respeito tanto à antiguidade do conceito de aliança na história de Israel quanto à sua importância teológica como uma ideia bíblica. Apesar de este debate ter acontecido, em grande parte, no domínio dos estudos sobre o Antigo Testamento, mais recentemente – com o impacto do diálogo ecumênico pós-holocausto e o conceito de “nomismo pactual”, de

⁹ Embora a origem precisa desta nomenclatura seja desconhecida, ela passou a ser aplicada claramente no início da época da igreja primitiva.

¹⁰ Para uma discussão concisa sobre a Controvérsia *Marrow* e o debate do século 20 sobre o lugar da lei e da graça na teologia federal, consulte McGowan, 2005, p. 183-189.

E. P. Sanders – os estudos sobre o Novo Testamento também se envolveram em sua própria controvérsia pactual. Uma vez que a discussão destes últimos será retomada em um capítulo posterior, limitaremos nosso foco aqui à discussão da aliança nos estudos do Antigo Testamento.¹¹

Wellhausen e crítica da fonte

Em sua obra extremamente influente *Prolegomena to the History of Israel*,¹² Wellhausen reconstruiu a história da religião israelita desde (o que ele percebeu ser) sua fase primitiva – baseado na convicção de um vínculo natural e indestrutível entre Yahweh e Israel – passando pelos imperativos éticos acentuados dos profetas (o ponto alto, para Wellhausen) até a descida ao legalismo no período pós-exílico. De acordo com essa reconstrução, a apresentação do relacionamento de Israel com Yahweh em termos de aliança foi um desenvolvimento relativamente tardio, influenciado, de modo especial, pela pregação dos profetas.¹³ Wellhausen acreditava que, por meio dela, “o vínculo natural entre os dois [Yahweh e Israel] foi interrompido, e o relacionamento passou a ser visto como condicional”.¹⁴ A partir disso, a noção de aliança ou pacto desenvolveu-se naturalmente.¹⁵

Ao passo que alguns estudiosos aceitaram, de modo geral, as conclusões de Wellhausen em relação à antiguidade e à historicidade das tradições do Sinai, outros rejeitaram a acentuada dicotomia que ele demarcou entre a

¹¹ O material a seguir foi extraído, em grande parte, do estudo profundo de Nicholson (1986).

¹² Publicado pela primeira vez como *Geschichte Israels* (v.1. Berlim: Reimer, 1978), o livro passou a se chamar *Prolegomena zur Geschichte Israels* em edições alemãs subsequentes. A segunda edição (1883) serviu como base para a primeira edição em inglês, intitulada *Prolegomena to the History of Israel* (Edimburgo: A. & C. Black, 1885).

¹³ Antes dos profetas, “A relação entre o povo e Deus era natural, como a de filho e pai; ela não se baseava na observância das condições de um pacto” (apêndice *Israel* de *Prolegomena*, p. 469). Para Wellhausen, as tradições de Moisés como líder da geração do êxodo (episódio histórico) e de Moisés como legislador do Sinai (ficção literária) foram nitidamente diferenciadas. Embora Moisés tenha posteriormente promulgado a legislação para Israel (começando em Cades), este foi o início de um processo contínuo *ad hoc*, não um ato único de fornecer a Israel uma constituição nacional (veja Nicholson, 1986, p. 4-5). A tradição do Sinai surgiu depois, a partir da necessidade de selar esse material legislativo crescente com o *imprimatur* divino, associando-o a um momento único e dramático do passado.

¹⁴ Apêndice *Israel* de *Prolegomena*, p. 473.

¹⁵ Wellhausen sustentava que o principal termo do AT para aliança não é utilizado em relação a um relacionamento divino-humano nos profetas do século 8º a.C., mas que, posteriormente, foi considerado bem adequado à ênfase deles (bem como na ênfase profética posterior) na condicionalidade da relação de Yahweh com Israel.

religião israelita primitiva e aquela que surgiu por meio da pregação dos profetas do século 8^o a.C., sustentando a existência de um núcleo histórico nas tradições do Sinai que refletia uma espécie de sistema pactual.¹⁶

Crítica de forma e tradição

O efeito da crítica da forma, com sua ênfase nas narrativas como contos folclóricos (em alemão, *Sagen*), foi aguçar ainda mais as questões históricas: até que ponto o complexo de histórias servidão-êxodo-deserto estava enraizado em fatos históricos? Apesar de um núcleo dessas informações ser geralmente reconhecido, a controvérsia continuou com respeito à antiguidade e historicidade do conceito de aliança.¹⁷ Dentre aqueles que aceitavam a antiguidade do conceito em Israel, vários entendiam seu significado primitivo de uma forma muito diferente, a saber, como um pacto de proteção mútua feito entre diversas tribos hebraicas que viviam nas proximidades do Sinai, somente mais tarde reinterpretado teologicamente como um relacionamento divino-humano do qual Israel era parte. Isto suscita a dúvida se tal aliança (isto é, feita entre diferentes grupos sociais) poderia ou não também ter abrangido uma aliança com o próprio Yahweh e, como tal, constituído um dos aspectos distintivos, fundamentais, da fé israelita – conforme argumentado por Robertson Smith e vários outros.¹⁸

Todavia, foram necessárias explicações para a escassez de referências a tal aliança na literatura dos profetas do século 8^o a.C. Soluções para este problema incluíram as seguintes: (a) o registro do ato formal era desnecessário, contanto que o relacionamento divino-humano permanecesse intacto; (b) a presença de numerosas imagens da aliança (por exemplo, Yahweh como rei, pai ou dono da vinha) nos profetas e a frequente representação de Yahweh em conflito com Israel indicam que o conceito de obrigações pactualis está presente mesmo sem o termo aliança; (c) sua ausência na profecia em geral

¹⁶ Kittel (1895) percebeu isso como um acordo decretado por uma das partes (Yahweh), que, depois, evoluiu para a ideia de uma obrigação recíproca inerente ao termo. Veja Nicholson, 1986, p. 8-9.

¹⁷ De acordo com Nicholson (1986, p. 9-13), embora rejeitadas por alguns estudiosos (por exemplo, E. Meyer e [ao menos inicialmente] H. Gunkel), sua antiguidade e historicidade central foram defendidas por outros (por exemplo, C. Steuernagel; O. Procksch; H. Gressmann), mas não à custa de negarem desenvolvimentos perceptíveis na tradição da aliança, tais como a transição de um sistema unilateral para um sistema mais recíproco ou vice-versa. Como Nicholson observa, este último destaca a discordância subjacente quanto ao significado do termo *bērit*. Para mais informações sobre esta controvérsia no início do século 20, veja Nicholson, 1986, p. 13-27.

¹⁸ Veja Nicholson, 1986, p. 22-24.

(não apenas pré-exílica) é por causa da ênfase profética em realidades espirituais e éticas em vez de obrigações formais da aliança; (d) o conceito de aliança não foi suficientemente desenvolvido nessa fase, levando a uma compreensão empobrecida do relacionamento divino-humano. Embora todas essas explicações tenham encontrado apoio em alguns estudiosos do Antigo Testamento, nenhuma foi persuasiva o suficiente para garantir um consenso.

Eichrodt, Mowinckel e Noth

No entanto, um novo consenso sobre a antiguidade e a importância não só da aliança do Sinai, como também de outras tradições pactuais no Antigo Testamento (notadamente, a abraâmica e a davídica) começou a surgir no período após a Primeira Guerra Mundial.¹⁹ Os três principais fatores que levaram a este novo consenso são listados por Nicholson da seguinte forma:

1. Conforme foi argumentado em um momento anterior, a aliança era considerada uma característica necessária da religião israelita como uma religião de “eleição” em oposição a uma religião “natural”. Acadêmicos como Hempel, Weiser e Galling afirmavam que a aliança era fundamental para a singularidade da religião israelita, fato salientado ainda mais por Eichrodt em sua obra monumental *Theology of the Old Testament*, a qual empregou memoravelmente a aliança e sua teologia relacionada como principal conceito organizador da teologia do Antigo Testamento.²⁰

2. Uma nova área de pesquisa, o papel do ritual na religião israelita, evidenciou-se na década de 1920. Influenciada por Gunkel, Greesmann, Pedersen e Grønbech, a obra pioneira de Mowinckel sobre o estudo de Salmos (1921-1924) alegou que a (renovação da) aliança estava por trás da festa de ano novo de Israel (Tabernáculos), na qual o parentesco com Yahweh era anualmente encenado ou “atualizado” neste drama ritual, e que ela (aliança) era o elo entre “bênção” individual e comunitária.²¹ Weiser (1925) foi mais longe, afirmando que a festa de ano novo era, na verdade, uma festa própria

¹⁹ Segundo Nicholson (1986, p. 28), esta importante guinada na opinião acadêmica está refletida na 2ª edição de *Religion in History and Presence*, de Gunkel (1913, 1930).

²⁰ Eichrodt explicou a escassez de aliança nos profetas pré-exílicos mencionando a necessidade consciente na época de se combater a ameaça de um externalismo inerte e de uma rotina mecânica, algo feito com incentivos a uma resposta espontânea, proveniente do coração (em vez de um dever meramente obrigatório).

²¹ Mowinckel posteriormente sustentou que as narrativas de Êxodo 19-24 eram uma simples descrição (na linguagem do mito histórico) desta celebração de renovação da aliança no período monárquico.